

**DOSSIER**

***Filologías latinoamericanas***

***GIVE THE WORD: RESPONSES TO  
WERNER HAMACHER’S 95 THESES ON  
PHILOLOGY, LINCOLN, UNIVERSITY OF  
NEBRASKA PRESS, 2019  
ORGANIZADO POR GERHARD RICHTER E  
ANN SMOCK AMONG***

**Davi Pessoa**

**Universidade Estadual do Rio de Janeiro**

*Professor de língua e literatura italiana na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).  
Autor de *Terceira Margem: Testemunha*, Tradução (Editora da Casa, 2008), Dante: poeta de toda  
a vida (Biblioteca Nacional, 2015) e Pasolini: retratações (Editora 7Letras, 2019, com co-autoria de  
Manoel Ricardo de Lima). Atua também como tradutor, tendo já traduzido livros de Giorgio Agamben,  
Pier Paolo Pasolini, Roberto Esposito, Franco Rella, Donatella Di Cesare, entre outros.*

Contato: pessoatradutor@gmail

ORCID: 0000-0002-3850-7515

Werner Hamacher é um pensador *pasticheur*: muitos são os desvios de seu percurso filosófico: filologia, direito, política, estética, hermenêutica, literatura. Além disso, sua crítica filosófica e filológica arma uma série geopolítica –Alemanha, França e Estados Unidos– entre línguas e culturas, tornando-se também tradutor de pensadores, como Jean Hyppolite, Paul de Man, Nicolas Abraham, Jean Daive, Jorie Graham e Jacques Lacan. Deste traduz pela primeira vez à língua alemã os escritos técnicos de Freud, em 1978. Sua experiência em Paris, na École Normale Supérieure, ao lado de Jacques Derrida, foi singular, visto que *com* Derrida, e com tantos outros pensadores que convoca para suas cenas de leitura, Hamacher reativa a força de leituras heterogêneas e desconstrutivistas, que buscam, por sua vez, problematizar a metafísica ocidental. Em vez das noções de compreensão e comunicação, Werner Hamacher investiga o incompreensível, ou ainda, o *vir-a-ser da linguagem*. Portanto, sua *traduzibilidade*, e não apenas sua *tradução*. Em *Premises. Essays on Philosophy and Literature from Kant to Celan* (1996), visita, entre *convergências e divergências*, textos fundamentais da modernidade, com o desejo de desativar a pretensão de conhecimento preliminar entre objeto e linguagem. A filologia, seguindo os rastros de Hamacher –tese 10, das *95 teses sobre a filologia* –, só *alude* à outra linguagem e só *evoca* essa outra linguagem, entrando em contato com o desconhecido, e a partir dessa ignorância o filólogo entra em contato com a força do saber. “A filologia, por isso, ama e esquece o amor pelo amado” (Hamacher, 2011: 11).

Permito-me, antes de colocar algumas questões a partir da leitura de *Give the Word: Responses to Werner Hamacher's 95 Theses on Philology*, um desvio imprevisível. Pier Paolo Pasolini, em 1969, durante uma entrevista, em Nova Iorque, publicada em *Pasolini rilegge Pasolini: intervista con Giuseppe Cardillo* (2005), relata ao jornalista um *lapsus*: diz que todos os anos ia com sua mãe para o Friul, e num certo dia:

Enquanto escrevia versos italianos, agora não mais de tipo petrarquista, eleito, tradicional etc. –*como ele mesmo escrevia até seus 17, 18 anos*–, mas influenciado por poetas herméticos da época, porque logo após a primeira leitura fundamental de Rimbaud e dos simbolistas, comeci a ler também os outros poetas de então, de Gatto

a Penna, etc. etc., enquanto escrevia alguns versos italianos, ouvi da varanda da casa de campo de minha mãe ecoar do quintal a palavra *rosada*, que significa orvalho (rugiada); e foi uma iluminação. [...] Ao ouvir aquela palavra me veio imediatamente a ideia de escrevê-la, de usar tal palavra. E escrevi os primeiros versos nos quais havia a palavra *rosada*, que havia esquecido. No dia seguinte escrevi meu primeiro poema em língua friulana. Agora, usava essa língua friulana, precisamente, porque era aquela coisa que dizia Valéry: *Uma hesitação prolongada entre o sentido e o som*, isto é, não era nem sentido nem som, era algo que estava entre as duas coisas, era uma língua para a poesia. Era a língua da poesia que se tornava consciente de si mesma, e estava fisicamente, materialmente em minhas mãos. Então, isso descarta, como dizia antes, a ideia de que essa língua fosse realista. Era o máximo da ambiguidade (38-39).

O *lapsus*, promovido pelo esquecimento, coloca um grande problema para Pasolini: como sair da dicotomia estável entre *língua* e *dialeto*, ou ainda, da dicotomia dos simbolistas franceses, cujo postulado poético se concentrava sobre dois polos, como ele nos aponta: “A poesia é o conteúdo da própria poesia, e a poesia tem uma língua específica, uma língua que não é decorativa nem referencial, mas que é a própria consciência da linguagem poética” (38). Então, como fazer com que esses polos se choquem, para a partir do confronto irromper-se um *terceiro incluído*? Ainda: como desativar a lógica da dicotomia, da contradição, para pôr em cena a bipolaridade e a contraditoriedade posta em jogo pela analogia? Pasolini acrescenta:

Então me encontrava diante dessa poética que para mim era extremamente sugestiva e que era puramente literária, e que implicava uma autonomia da literatura e uma totalidade e uma pureza da poesia que não tinha nada de político (38).

Em 1975, Sebastiano Timpanaro –filólogo e crítico literário italiano, que decidiu renunciar à carreira universitária, mas sem abrir mão de um estudo singular sobre filologia latina e grega e sobre literatura italiana, além de ter aprofundado suas pesquisas a respeito da psicanálise de Freud– lança uma tese muito irreverente em *Il lapsus freudiano* (2002), que traz uma íntima relação com os procedimentos de Pasolini, quando este se põe à escuta do significante *rosada*, assim como traz relações singulares com as 95 teses de Werner Hamacher. A tese de Timpanaro seria a seguinte, em poucas palavras: os filólogos analisam os *lapsus* que os copistas realizam. Uma coisa é o *erro da cópia*

de um texto que está diante dos olhos do copista; outra coisa é o *erro de memória* diante de uma palavra ou frase aprendida muito tempo antes (destes casos se ocupou, como se sabe, Freud). No entanto, não podemos nos esquecer que copistas antigos não copiavam os textos palavra por palavra, mas *de memória*. Então, entre a leitura e a cópia, nesse intervalo de tempo, o *lapsus*.

O problema de como enfrentar a autonomia literária dos poetas simbolistas, com sua totalidade e pureza *sem nada de político*, como ele destaca, ou do choque entre língua nacional e dialetos, produz uma sombra de difícil visualização. A intempestiva relação entre crítica e linguagem surge na juventude de Pasolini e será uma *constante mutável* em diversos momentos de sua vida. Giorgio Agamben, atento a tal exigência, no prefácio ao livro *Pier Paolo Pasolini: i turcs tal Friül / i turchi in Friuli* (2019), aponta que “a questão –a *quête*– da língua é, a meu ver, o núcleo originário incandescente do qual todos os outros problemas pasolinianos são, por assim dizer, as manifestações eruptivas” (7). Agamben ainda ressalta que Pasolini não subjuga o dialeto friulano à língua constitucional, pois deseja dizer com o dialeto coisas elevadas, difíceis, com maior frescor e potência. Assim, a crítica operada por Pasolini, desde muito cedo, mobilizou debates acalorados, nos quais colocava em choque a língua como *inventum* (língua institucional) e a língua como *inventio* (língua-poesia), para a partir do confronto entre elas insurgir-se uma *filologia-crítica intempestiva e inventiva*, ou como apontava em outro texto: “nossa estética não se fecha em si mesma, *sendo uma estética do coração, não do cérebro*” (1999: 74). Essa *estética do coração* era movida por uma filologia – e não pela Filológica –<sup>1</sup> que Pasolini tanto amava: *uma filologia sem filólogos*.

Tais questões se encontram muito próximas à noção de *filologia*, de Werner Hamacher, tendo em vista que para o filósofo a filologia é uma relação afetiva, de amizade, uma *philia*, com a linguagem. Em *Para – la Filología* (2011), Hamacher escreve que a filologia antes de se consolidar como técnica epistêmica, “es una relación afectiva, una *philia*, una amistad o un entablar amistad con el lenguaje, a saber, con un lenguaje que aún no ha adquirido un contorno definido, una forma estable” (3).

Se Pasolini encontrava na poesia uma força de abertura de *mundus*, de modo análogo Werner Hamacher compreende a filologia como *disponibilidade* para tais aberturas, que podem indicar caminhos

---

<sup>1</sup> Sociedade filológica friulana é uma associação que tem como objetivo estudar a língua e cultura friulana, fundada em Gorizia, em 23 de novembro de 1919.

dísparos, bipolares, visto que em tais percursos se encontra o próprio movimento da filologia, que é, sobretudo, “o movimento precário de falar sobre a linguagem, mais além de toda linguagem dada” (3). Ou ainda, Pasolini e Hamacher sabem que a “poesia é *prima philologia*”, como lemos na tese 14.

Em *Give the Word: Responses to Werner Hamacher's 95 Theses on Philology* (2019), os organizadores, Gerhard Richter (professor da Universidade de Brown) e Ann Smock Among (professora da Berkeley, Universidade da Califórnia), ressaltam, na introdução ao volume, as intermitências das 95 teses de Hamacher, que desativam uma suposta ordem cronológica e uma sequência lógica, tendo em vista que cada uma delas propõe desvios, cujos traçados não conduzem necessariamente a um fim definido, tal como se dá num programa sistemático, mas, sim, são delineados por um *movens* de perguntas. As teses, assim, não buscam uma definição de *filologia* dada *a priori*, ou seja, como se à procura de um único objeto. Os ritmos irregulares das teses compõem uma espécie de rapsódia, na qual o que se sobressai é a *doação da palavra* a partir das contingências que se encontram no gesto de leituras múltiplas. Além disso, os organizadores chamam a atenção para o diferimento existente entre *filologia* e *ontologia* (tese 17): “O movimento de uma busca sem um fim predeterminado. Por isso, sem fim. Por isso, sem o ‘sem’ de um fim. Sem o ‘sem’ da ontologia”.

Nas 95 teses, o filósofo aponta para o amor pela linguagem, que provoca um impulso para o desconhecido, para o não-saber, provocando, desse modo, uma desorientação séria e festiva, contemporaneamente (tese 29):

Assim como o esquecimento linguístico pertence à linguagem, assim pertence o esquecimento da filologia pela filologia. Apenas em virtude de seu auto-esquecimento pode voltar-se à linguagem sem colocá-la sob a forma do saber” (13).

Estudiosos são convocados a participar da *philia*, e cada um deles se concentra, *em dispersão*, numa das teses de Hamacher. A partir da tese escolhida abre-se uma série imprevista, na qual se encontra, por vezes, uma hipertemporalidade, ziguezagueante, plurilíngue, pois a *filologia* é uma *pathologia*, e seu *pathos* recorre ao *pathos* do *legein* (verbo grego, do qual se forma *logos*, que tem a força de produzir tensões, cujos sentidos a partir do indo-europeu são: pôr e depor; depositar; expor e propor, reunir), realizando, assim, “un movimiento doble, que siempre haga la experiencia del acercamiento al mismo tiempo que una experiencia del

alejamiento” (17), como se lê em *Para – la Filología*. Tal movimento, entre *aproximação* e *distanciamento* às/das 95 teses sobre a filologia, também se encontra na publicação *Give the Word: Responses to Werner Hamacher’s 95 Theses on Philology*. Destaco, em seguida, alguns desses movimentos.

Gerhard Richter, em “Was heißt Lesen? – What Is Called Reading?”, procura aprofundar a relação entre amor e leitura, e, com esse intuito, se questiona: “O que se ama exatamente quando se estabelece uma amizade com a leitura do *logos*, quando se ama ler?” (31). E o que ocorre quando a *philia* não é correspondida? A filologia, como já mencionado, dá a ler a tensão presente entre *philos*, *philia* e *logos*. O que está em jogo não é a *Erlebnis* (vivência), mas a *Erfahrung* (experiência). Portanto, como observava Walter Benjamin (lendo a dicotomia memória-consciência, de Freud) na sexta tese sobre o conceito de História, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. O momento crítico e de perigo, além disso, está na base de toda leitura. O filólogo, como o mais radical entre todos os amantes das palavras, vive a tensão entre *ser* e *habitar* na linguagem, sem necessariamente ser movido por uma pretensão de compreensão, tendo em vista que a filologia é o *habitar da linguagem na própria linguagem*. Nesse sentido, em vez da referencialidade temos a singularidade da leitura, que jamais se esgota num único gesto, pois o gesto de leitura não se finda no alcance de uma única interpretação. Por isso, para Hamacher, a relação amorosa estabelecida pela filologia não é jamais o reino da compreensão, como se fosse uma operação estática e autorreferencial. Ao contrário da contradição, a filologia busca as *contraditoriedades* e *ambivalências*, tal como presente no termo grego *arché*, tão caro ao seu universo amoroso. *Arché* enquanto origem, mas também enquanto *comando*, tal como ressaltou e desenvolveu o filósofo Giorgio Agamben, em *Creazione e anarchia: l’opera nell’età della religione capitalista* (2017). Poderíamos dizer que a filologia se liga intimamente à ciência do *tropos*, da tropologia, ou seja, das *translações de sentidos*. *Give the Word: Dar a palavra, doar a palavra, eis a questão*. Ainda em *Para – la Filología*, Hamacher escreve:

Cuando llega a la palabra, lo hace en cada caso a partir de y hacia una para-palabra. Incluso cuando es palabra para una palabra, es una palabra para *otra* palabra y ‘palabra’ sin palabra *a limine* y la monarquía

del lenguaje se encontraba aún antes de su comienzo. El lenguaje a partir del *para* es *an-arche* (47).

Portanto, o *para* que desativa tanto a *origem* quanto o *comando*.

Michèle Cohen-Halimi, *maître de conférences* em Filosofia, na Universidade de Paris, em “Language-Such-That-It’s-Spoken”, aborda a “genealogia” como versão transversal da filologia, enquanto filologia, *filalologia*, *filologia* (tese 24). Ou ainda como lemos na tese 26: “A filologia é a linguagem tripartida. Quadripartida. A quarta parede da cena de suas relações permanece aberta” (13). Nessa transversalidade, encontra-se o tempo histórico *implicado*, mas não *explicado* em palavras (tese 35) – “a lei interna da linguagem é a história, a filologia é a guardiã desta e apenas desta lei” (14). E, na história, as palavras se encontram em movimento contínuo, o qual produz uma “espessura vertiginosa” através do “absurdo da linguagem”, e o sujeito se encontra, ao mesmo tempo, num ponto de equilíbrio e de desequilíbrio. Como lemos na tese 49: “A filologia, que como toda linguagem é linguagem da linguagem e por isso o jogo de seu movimento não programável, é linguagem no *trajeu*” (16). Como Michèle Cohen-Halimi destaca, “a impessoalidade se irrompe como um pensamento que *vê sem olhar* e *pensa sem nenhum sujeito pensativo*, como uma fala que fala por si mesma” (38), portanto, uma filologia movida pela força da metamorfose.

Ann Smock, em “Einmal ist Keinmal. On the 76th of Werner Hamacher’s 95 Theses for Philology”, nos relembra que Walter Benjamin, por volta de 1932, encontrava na expressão “Einmal ist keinmal” uma possibilidade de sabedoria que estabelece raízes no bom tipo de sucesso, que, por sua vez, põe em movimento operações frutíferas. Em duelo com tal sucesso encontra-se o sucesso lastimável, traduzido em outra expressão: “Ein für allemal”. Para Benjamin, como se sabe, estavam em *jogo* os objetos das artes primitivas a serviço da magia, cuja ‘primeira técnica’ se realiza nos rituais nos quais as pessoas se sacrificavam *exemplarmente*, traduzida através da expressão “Ein für allemal” (*uma vez por todas*), em contraposição com a ‘segunda técnica’, mais emancipatória, como aponta Benjamin, na qual o homem controla a técnica à distância, traduzida pela expressão “Einmal ist keinmal” (*uma vez é vez nenhuma*). Proximidade e distância da natureza, entre tensão e harmonia. O que está *em jogo*, além disso, é o universo das brincadeiras e dos jogos, em cujos procedimentos se encontram o experimento (*Experiment*) e as ordenações experimentais

(*Versuchsanordnungen*), que são variantes da lei da repetição que se dá nas brincadeiras e nos jogos. No entanto, importante salientar que a repetição, nesses casos, cria outras relações entre os seres humanos e a natureza. Werner Hamacher busca pôr em cena, nas 95 teses, um novo uso para a filologia.

Ann Smock relembra que na tese 76, “A filologia: uma história de amor”, Werner Hamacher faz referência a um paciente de Freud, o senhor E., que sofre um ataque de pânico quando criança, ao tentar capturar um besouro preto, “Käfer”, em alemão, e que a interpretação do acontecimento lhe era muito obscura. Freud, enquanto filólogo, relata que a interpretação do ataque perturbador foi pelo paciente compartilhada, no próximo encontro, quando desloca a atenção da representação do besouro para a significância da própria palavra, desdobrando-a a partir de uma pergunta: “Que faire?”. Hamacher argumenta que a interpretação para o filólogo Freud não é a tradução de uma palavra à representação da coisa ligada a ela, mas sua *transposição*. A pergunta, em francês, idioma que o paciente aprendeu em contato com seu primeiro amor, a governanta de sua casa. Nesse caso, Hamacher acentua precisamente a transposição de significação, ou remoção de significado, de um ataque (Anfall) para uma incidência (Einfall). “O pânico por sua articulação; o animal ou o nome do animal (Käfer) por uma pergunta “Que faire?” (59).

Desse modo, o que está em questão, para Werner Hamacher, não é o caminho em direção a um significado mediante a interpretação, mas “o caminho –tese 76– até a repetição de uma linguagem ou até o ato de recavar na linguagem o que se mantém encoberta por outra” (20). Do gesto de escavar emerge “a língua da primeira amante, a linguagem amada” (20). A filologia, assim, põe em movimento a repetição, na qual a amada permite a pergunta “Que faire?”. Hamacher ainda acrescenta: “Filologia significa permitir que o primeiro amor possa ser repetido, que o primeiro amor permita a repetição” (20). A filologia também tem a ver com a *espera*. O “exercício da filologia é esperar” (20, tese 69). No entanto, na espera não se espera por nada, quando não há nada por esperar, visto que a “filologia é esperar na palavra” (20) (íntima relação com o pensamento de Maurice Blanchot). Portanto, há na filologia um desejo de linguagem, uma inclinação para a linguagem na medida em que esse desejo jamais significa o encontro com um objeto, um objeto de desejo. A linguagem volta-se para a linguagem amada, a linguagem que se situa em uma *distânciaproximada*, cuja intimidade torna-se, ao mesmo tempo, nova e estranha: “Quanto mais a filologia se aproxima à sua questão, mais se distancia dela” (17),

como se lê em *Para – la Filología*. A pergunta “Que faire?”, portanto, mobiliza o amor que se encontra na própria espera da espera, que não espera nada *substancialmente*, visto que todo verdadeiro encontro é acidental: Tese 70: “Filologia: a estadia. A expectativa. A espera” (20).

O filólogo Vincent W. J. van Gerven Oei, em “Language on Pause. Hamacher’s Seconds of Celan and Daive”, aponta que o pensamento filológico de Werner Hamacher orbita com muita força o de Paul de Man, que em “The Return to Philology” busca, por sua vez, inserir procedimentos filológicos em departamentos literários, com o surgimento do pós-estruturalismo. Assim, a filologia seguiria de perto o desconstrutivismo, cujo gesto é o de relacionar a leitura a um ato poético, antes de colocá-la dentro de um contexto histórico. As considerações de Paul de Man são retomadas por Hamacher em seu manifesto *Para – la Filología*, que logo no início afirma: “Hay un afecto antifilológico [...] que se opone a privilegiar la atención concentrada en el lenguaje, la palabra, la pausa” (1), como uma forma de desprezo, como uma tarefa menor, uma atividade apartada do mundo. Contra tal pausa entendida como inércia, a “filologia –como bem aponta Hamacher – é um gesto de ir mais além, que jamais pode ser supérfluo porque ela é o movimento da própria fala, que ultrapassa tudo já dito e tudo o que se tem a dizer” (2). A pausa –os musicistas o sabem bem– é uma pulsão que vitaliza o corpo, o sopro, que o faz vibrar, para que o próprio corpo não se torne um corpo-peso, um corpo-morto e mortífero, o qual rechaça a vida, a vida corpórea, o desejo, como se sentisse raiva até mesmo pelo fato de poder respirar, como se desejasse reduzir a inquietação da vida à inércia. E contra a inércia mental – Antonio Gramsci a chamava de *indiferença*–, e corporal, portanto, mobiliza-se a *vida do pensamento*. Uma pausa –caso seja realmente um corte profundo no referente, bem como na vida do pensamento– jamais é inerte. Como lemos na tese 46: “Filologia: na pausa da linguagem” (2019: 16).

Peter Fenves, professor de Estudos Literários Comparados e Estudos Judaicos na Northwestern University, em “The Category of Philology”, retoma a tese 89, na qual Werner Hamacher formula uma “máxima provisória”, cuja força irradiadora é nomeada de “outra filologia”, inegociável, visto que ela é “o movimento do próprio mundo: é o vir ao mundo do mundo” (23). A não negociabilidade do vir ao mundo é a experiência dessa outra filologia. A máxima provisória, portanto, da outra filologia é: “obra de modo tal que pode deixar de lado o obrar. E, além disso: obra sem máxima, também sem obra” (23). Entra em cena o *lapsus*, ou mais especificamente, um *lapsus*

na atuação. Hamacher elabora tais máximas em contraposição com o imperativo categórico de Kant. Se para este uma máxima é um “princípio subjetivo” de ação, o imperativo, por sua vez, está concentrado na objetividade da lei. Uma máxima, assim, transforma-se em imperativo categórico apenas quando universalizado, tornando-se, além disso, aquilo que governa as ações humanas no mundo. Kant defendia as máximas enquanto provisórias na medida em que visava sua universalização. Para Hamacher, por outro lado, as máximas são provisórias na medida em que se encontram à espera de outra filologia, que toma posição na *stasis* mundial pela linguagem, como escreve o filósofo na tese 90, “e pelo mundo contra a fabricação industrial da linguagem e do mundo: luta contra o emudecimento” (23-24).

Werner Hamacher, por fim, em “What Remains to Be Said On Twelve and More Ways of Looking at Philology”, argumenta que “quem fala, fala com muitas pessoas e de várias maneiras” (115), e não apenas pela vocalização, visto que se fala também pela escrita, pela gesticulação e pelo silêncio. Assim como não se fala apenas com as línguas dos outros, mas também em contato com a linguagem comum, declinando o *com* em direção a uma comunidade heterogênea, estranhamente nova, estranhamente comum. Falar com (*Mit-Sprache*) e falar mais (*Mehr-Sprache*), inventando uma linguagem distinta de qualquer linguagem já conhecida e identificável. Tal movimento, no entanto, não provém de uma conquista individual nem do ponto de vista diacrônico nem sincrônico, mas, antes, *anacrônico*. Isso não significa que não haja uma história da língua, mas que esta encontra-se sempre diferida pelas contingências e pelos movimentos anacrônicos da filologia. As 95 teses, como aponta Hamacher, foram escritas contra a monopolização de tendências reguladoras que pertencem à estrutura da linguagem, contra as técnicas disciplinares. As teses perseguem o movimento da linguagem através da complexidade do *com*. Elas falam *com* outros, assim como falam *com* algo diferente dos outros, falam *com* convergências e divergências, com o desejo de provocar variações impossíveis, para pôr em ação o movimento do pensamento da linguagem, da *vida do pensamento*, que confronta toda e qualquer reflexão teórica que se pretenda unidirecional. As 95 teses, assim, relacionam-se entre si e se relacionam com outros textos, num contínuo movimento de *translação*, tendo em vista que falam *rapsodicamente*. Cada tese, diz Hamacher, bem como o conjunto das teses, fala “para aquilo que ainda precisa ser dito dentro do que é dito” (119), e o que é dito não se extingue, mesmo se permanece sem resposta, pois “nenhuma resposta, mesmo que

coletiva, pode ser única”. Em última análise, Werner Hamacher *doa palavras* não previstas, que serão embaralhadas e distribuídas aos leitores. Seu pensamento move-se pela *philia*, aceita a ignorância, a dúvida, o questionamento contínuo, que não se satisfaz com respostas rápidas, tendo em vista que é afetado pelo próprio movimento do questionamento, que está sempre à espera do desejo de linguagem, à espera da linguagem do desejo: Tese 9: “a filologia segue sendo o movimento que ainda desperta o desejo em direção a ela antes da linguagem do saber e que no conhecimento mantém desperta a pretensão do que se deseja conhecer” (11).

### BIBLIOGRAFÍA

- HAMACHER, WERNER. *Para – la Filología / 95 tesis sobre la filología*. Trad. de Laura S. Cangati. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2011.
- PASOLINI, PIER PAOLO. (A cura di Walter Siti e Silvia De Laude) *Saggi sulla letteratura e sull'arte*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1999.
- . *Pier Paolo Pasolini. I Turcs tal Friul. I Turchi in Friuli*. A cura di Graziella Chiarocossi. Prefazione di Giorgio Agamben. Macerata: Quodlibet, 2019.
- . *Pasolini rilegge Pasolini: intervista con Giuseppe Cardillo*. (A cura di Luigi Fontanella). Milano: Archinto, 2005.
- RICHTER, GERHARD E ANN SMOCK AMONG (org.). *Give the Word: Responses to Werner Hamacher's 95 Theses on Philology*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2019.
- TIMPANARO, SEBASTIANO. *Il lapsus freudiano: psicanalisi e critica testuale*. Torino: Bollati Boringhieri, 2002.